



Comunicação e movimentos sociais no ensino de jornalismo: lições a partir de ações de extensão junto ao MTST-AL¹

Marcos Carvalho MACEDO

Mesmo com a ampliação do acesso à informação através da internet e as possibilidades de criar canais capazes de colocar em xeque o poder dos meios de comunicação de massa, eles continuam a exercer um papel significativo na sociedade, sobretudo no modo como os movimentos sociais são representados, de maneira tendenciosa e desfavorável ou reproduzindo estereótipos de criminalização (Peruzzo, 2015). Nesse sentido, a universidade pública cumpre uma importante função para superação dessa conflituosa tensão, especialmente no campo da formação dos profissionais de comunicação. No Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), além das atividades desenvolvidas regularmente pelos docentes por meio de projetos de extensão, o componente curricular “Universidade, Comunicação e Sociedade” se propõe a desenvolver esse processo, de modo a envolver o estudante em ações junto à comunidade e ao meio social, “tornando-o capaz de elaborar produtos ou prestar serviços de relevância social no campo da Comunicação”. Foi considerando a problemática descrita inicialmente que, no planejamento da carga horária prática prevista na disciplina, optou-se por aproximar os estudantes da Ocupação do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto de Alagoas (MTST-AL), formada por 350 famílias e situada em terreno contíguo e pertencente à própria universidade, de modo que discentes, docente e lideranças comunitárias pudessem aprofundar acerca das formas e estratégias de representação das lutas encampadas pelo movimento social tanto nas mídias corporativas quanto nas mídias independentes. O objetivo deste trabalho

¹ Resumo expandido de Comunicação Científica apresentado no GP Atividades de Extensão, no III Encontro Regional Nordeste de Ensino de Jornalismo (Erejour Nordeste).



consistiu, então, em analisar, a partir dessa iniciativa de ensino-aprendizagem marcada pela interação dialógica, o relacionamento das lideranças do movimento social com os meios de comunicação, tomando como base os princípios da comunicação comunitária.

METODOLOGIA. Para cumprirmos esse propósito, recorreremos à pesquisa bibliográfica, de modo a situar a comunicação comunitária na dinâmica histórico-social latinoamericana que fez emergir práticas populares comunicacionais e educativas transformadoras das mobilizações das classes subalternas, excluídas e marginalizadas (Kaplan, 1985; Freire, 1983). As iniciativas que nasceram das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e do Movimento de Educação de Base (MEB), enfrentaram forte repressão no contexto do governo ditatorial militar brasileiro (1964-1985), fazendo surgir uma comunicação alternativa, ou seja, uma fonte de informação diferente daquela que controlada ou censurada pelo Estado, e que propunha novas formas de abordagens e novos conteúdos (Peruzzo, 2008). Nesse sentido, John Downing (2004, p. 81), desenvolve a noção de mídia radical alternativa para se referir àquela que “expande o âmbito das informações, da reflexão e da troca a partir dos limites hegemônicos, geralmente estreitos, do discurso da mídia convencional”, e expressa com muita espontaneidade os pontos de vista e opiniões dos movimentos sociais a que estão vinculados, que frequentemente não encontrariam espaço ou são ridicularizados na mídia oficial. O autor destaca, ainda, que é a mídia radical aquela que, costuma tomar a dianteira de questões importantes que só receberão atenção da mídia oficial mais tarde. No cenário de declínio das correntes progressistas e de uma comunicação cada vez mais plural, a reapropriação do termo comunitário alarga o sentido dessas práticas (Cogo, 2004). É nesse sentido que a comunicação comunitária se apresenta com o potencial de despertar pessoas, camadas sociais e povos para a busca de condições de vida dignas, assim como para que estes se posicionem e possam interferir enquanto sujeitos de seu processo histórico (Peruzzo, 2004). Dessa maneira, podemos elencar como pilares fundamentais da comunicação comunitária: uma dimensão participativa e democrática, que se rege



pela interação dialógica nos processos comunicacionais (Freire, 1983), como o efetivo envolvimento dos cidadãos desde a produção até a difusão de conteúdos (Kaplan, 1985); e uma dimensão contra-hegemônica, que representa uma ‘outra’ comunicação, realizada por setores organizados das classes subalternas visando externar sua visão de mundo perante toda a sociedade (Peruzzo, 2015). Com base nesses pressupostos, analisou-se as ações de extensão desenvolvidas por docente, discentes e por lideranças da Ocupação Tereza de Benguela, do MTST-AL, ao longo do semestre letivo 2023.1, planejadas como parte das atividades práticas da disciplina Universidade, Comunicação e Sociedade, do Curso de Jornalismo da Ufal. Para elaboração da proposta de ação foram realizados diagnósticos por meio de observação participante dos atores universitários: a estratégia inicial consistiu na participação do docente em rodas de conversas do movimento abertas a agentes externos à comunidade, quando foram identificados os primeiros usos da comunicação pelas lideranças, bem como levadas as primeiras ideias de atividades; na sequência foi realizada a visita de um grupo de estudantes com o objetivo de conhecer a realidade dos trabalhadores e promover uma primeira troca de saberes (Freire, 1983). Com base nesses conhecimentos, foi realizado o planejamento dos processos a serem desenvolvidos e submetido à apreciação das lideranças do MTST, que ficaram responsáveis pela mobilização dos participantes. Foram programadas quatro oficinas para discutir a interface entre Comunicação e Movimentos Sociais, a serem realizados quinzenalmente, aos sábados pela manhã, conforme a disponibilidade dos trabalhadores sem-teto, e em espaço comunitário da própria Ocupação. Os dois primeiros encontros tinham como propósito debater a representação da Ocupação Tereza de Benguela na imprensa da capital alagoana. As atividades para provocar esse debate foram preparadas pelo docente com os estudantes, priorizando formas de interação e discussões baseadas em notícias e reportagens veiculadas em meios impressos, digitais e televisivos sobre ações do Movimento. Para isso, optou-se por selecionar matérias jornalísticas com ângulos e abordagens diferenciadas, capazes



de revelar posicionamentos distintos em relação às causas do movimento. Os dois últimos encontros, de cunho mais prático, tinham como objetivo pensar estratégias de visibilidade do movimento nas redes sociais digitais. Para os objetivos deste trabalho, a discussão procura analisar aspectos apontados pelos participantes (lideranças, discentes e docente) nos dois primeiros encontros, inclusive na etapa de avaliação.

RESULTADOS. Na visão dos participantes acerca da forma como a mídia escrita (impressa e digital) tem representado as lutas do MTST, emergiram questões como marginalização, discursos de ódio e menosprezo às pautas levantadas pelo Movimento, assim como a falta de reconhecimento e valorização dentro do próprio bairro onde a ocupação se encontra, evidenciando o autorreconhecimento como trabalhadores subalternizados e excluídos tanto da sociedade quanto do processo comunicacional hegemônico. Ao destacarem a importância de consumir e se aproximar de veículos independentes, a exemplo da Mídia Caeté, portal independente com foco no jornalismo local e temas de interesses sociais, o grupo apontou para posicionamentos contra-hegemônicos. Alguns dos comentários das lideranças que ressoaram na análise, sintetizam esse processo: “É diferente para quem nos vê de fora e para quem entra para nos conhecer”; “Somos pessoas sonhadoras, simples, cansadas de sofrer e de sermos oprimidas pelo sistema”. Do ponto de vista dos discentes, um deles enfatizou, no processo de relatoria da atividade, tanto elementos concretos da dimensão participativa democrática quanto da necessidade de ressignificar os processos de comunicação: “foi possível perceber que enquanto todos aprendiam, também ensinavam; que o poder da comunicação (...) pode se mostrar também contrário a causas muito importantes e necessárias na sociedade, distorcendo falas e alterando narrativas; e que o jornalismo pode inclinar a sociedade a uma opinião pública sem promover o senso crítico, estimulando intolerância, indiferença e preconceito”. Quando foi apresentada a abordagem de uma TV local acerca de uma manifestação do MTST que bloqueou o trânsito em frente à universidade (umas das principais via de acesso à cidade) para



protestar contra um feminicídio (uma causa ampla, mas que afetava diretamente mulheres do movimento), os participantes destacaram o silenciamento da mídia em relação às mulheres que representavam o movimento, dando mais espaço, inclusive, para fontes oficiais. Os vídeos exibidos suscitaram discussões em torno das propriedades das emissoras controlada por políticos e de como estas se utilizam desse espaço para distorcer a imagem dos movimentos sociais na opinião pública, carecendo de meios que promovam uma cobertura mais consciente e sensível às causas sociais. Esses debates estimularam os participantes a tomarem consciência do papel da comunicação para o fortalecimento da luta pelo direito à moradia digna, que é sua principal reivindicação. Em relação aos discentes envolvidos nessa prática extensionista, a escuta e a vivência dos processos, inclusive a precariedade de recursos para se fazer comunicação no contexto de ausências (de energia elétrica e rede de internet, por exemplo) promoveram novos olhares sobre uma realidade que pouco lhe são apresentadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS. A análise dos processos desenvolvidos através da ação de extensão universitária junto às as lideranças do MTST, bem como dos resultados obtidos nas duas primeiras Oficinas de Comunicação e Movimentos Sociais, demonstram que, mesmo não desenvolvendo práticas de comunicação comunitária, seus dois pilares fundamentais, a saber, a dimensão participativa e democrática regida pela interação dialógica e a dimensão contra-hegemônica, que se propõe a comunicar outra visão de mundo, puderam ser percebidos em potencial. Essa consideração aponta o quanto a interação dialógica precisa ser considerada nos processos desenvolvidos entre a universidade e os diferentes segmentos sociais, sobretudo os movimentos populares. Os debates promovidos a partir de recortes dos diferentes atores midiáticos despertaram os participantes para como os meios de comunicação de massa reforçam determinados posicionamentos junto à opinião pública e, dessa forma, são capazes de interferir na luta para conquista de direitos. Assinala, igualmente, para um campo de atuação em



potencial do egresso de jornalismo, que deve ser considerado para além de ações de voluntariado, e pode ser estimulada ao longo da formação universitária através de práticas que associem o ensino, a pesquisa e a extensão, de modo a fortalecer e qualificar os saberes da área.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação comunitária. Movimentos Sociais. Jornalismo. Ensino. Extensão.

REFERÊNCIAS

COGO, Denise M. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In: PERUZZO, C. M. K. (org.). **Vozes cidadãs: aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina**. São Paulo: Angellara Editora, 2004.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

KAPLUN, Mario. **El comunicador popular**. Quito: Ciespal, 1985.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. In: **Comunicação e cultura**, v.11, n. 01, jan./abr. 2013, p. 138-158.

_____. Conceitos de Comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor. Palabra Clave. Bogotá: Facultad de Comunicación, Universidad de La Sabana, v. 11, n. 2, dez. 2008.

_____. Representações dos movimentos populares na mídia e como eles se representam: visibilidade pública e perspectiva cívica. In: **Conexão: Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 14, n. 28, jul./dez. 2015, p. 31-49.